



HORTAS URBANAS: RESGATAR O VÍNCULO ENTRE ALIMENTO E NATUREZA – UM RECORTE DA PREDISPOSIÇÃO DA COMUNIDADE LOCAL PARA A SUSTENTABILIDADE

¹NÍCOLAS BUARÃO DE TULIO
²CAROLINE PINTO DE OLIVEIRA ORSI

¹Ensino Médio em andamento, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - Campus Araraquara, buarao.tulio@aluno.ifsp.edu.br

²Doutora, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - Campus Araraquara, caroline.orsi@ifsp.edu.br

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 7.06.01.02-0 Geografia Agrária/ 5.02.05.00-5 Conservação da Natureza

RESUMO: O modo de viver conforma os alimentos consumidos e a forma de prepará-los. No contexto da alta modernidade perdemos, em grande medida, o saber ambiental em torno da produção primária, assim como, os saberes ancestrais sobre o manuseio da terra como práticas agroecológicas e nos inserimos em um processo de desterritorialização da produção, transformação e distribuição dos alimentos, agravada pela padronização destes a partir da industrialização, que provocam a quebra do vínculo entre alimento e natureza. Ações que visem resgatar esse vínculo e ainda contribuem para o alcance das metas dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, como a produção local em hortas urbanas agroecológicas, fazem-se estratégicas. Desenvolvemos uma pesquisa do tipo survey com a comunidade de um dos campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) e identificamos que a mesma tem aderência a esse tipo de projeto e necessita resgatar os saberes ancestrais sobre a terra e aqui, nesse recorte dos nossos resultados dessa investigação, nos propusemos a apresentar a análise das respostas obtidas das questões abertas do nosso instrumento de pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: agroecologia; hortas escolares; IFSP; objetivos do desenvolvimento sustentável; saúde e bem-estar.

INTRODUÇÃO

No Brasil atual, observa-se uma perda significativa do contato com as tradições alimentares, impulsionada pelo consumo de *fast food* e alimentos ultraprocessados, fenômeno que aqui denominamos "insegurança nos hábitos alimentares". A chamada "insegurança alimentar", ou seja, a falta de acesso a alimentos em quantidade e qualidade suficientes para atender às necessidades nutricionais dos indivíduos também está presente no país, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2023, 27,6% dos domicílios brasileiros eram afetados por algum grau de insegurança alimentar representando um problema significativo pelos impactos negativos à nossa sociedade.

Diante desse desafio, iniciativas como as hortas urbanas agroecológicas surgem como alternativas para combater tanto a fome quanto a insegurança alimentar. O desenvolvimento dessas hortas, de maneira sustentável e inclusiva, permite a produção de alimentos orgânicos acessíveis, ao mesmo tempo em que proporciona um ambiente educativo e interdisciplinar em instituições de ensino.

Um primeiro passo no caminho da implementação de hortas urbanas agroecológicas consiste em delinear qual é o vínculo da comunidade local com a natureza considerando os seus hábitos alimentares e seus saberes ambientais em torno da produção primária, bem como, sua disposição em participar de uma iniciativa como essa, e foi esse o objetivo geral que buscamos buscar em nossa investigação.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs) foram instituídos a partir da Lei 11.892 de 29/12/2008 e, portanto, foram criados há um pouco mais de uma década tendo como um de seus propósitos o de implementarem um “novo modelo de Educação Profissional Tecnológica (EPT)”, modelo esse que ainda está em processo de conformação e disputas dentro dessa instituição. Conforme defende Orsi (2023), sobretudo do ponto de vista da legislação e normativa, o novo modelo de EPT proposto para que os IFs implementem ancora-se em uma visão progressista de educação sendo inspirado no modelo de educação politécnica/formação omnilateral, no sentido empregado por Saviani (2003), muito embora a concepção politécnica de educação ou a omnilateralidade não sejam explicitadas na maior parte dos textos normativos referente a essa instituição e/ou suas práticas.

A despeito dos “rótulos” atribuídos a esse novo modelo de educação, quando analisamos o documento Brasil (2010), assim como Orsi e Ribeiro (2021), constatamos que as normativas e leis que delineiam o modelo de EPT proposto para os IFs diverge da visão imediatista e mercadológica de educação, contrapõe-se a um processo de ensino–aprendizagem fragmentado e dual e aponta para o favorecimento da promoção de uma educação que seja transformadora/integrada, alinhada com a educação politécnica, e que é preciso que as práticas educativas implementadas nessas instituições não divirjam desses documentos orientadores. Faz-se necessário a implementação de práticas pedagógicas alinhadas à esse saber integrador, práticas que redundem em transformações sociais ou, mais que isso, que sejam capazes, nos dizeres de Leff (2002), de “conduzir um processo de regeneração civilizatória”.

Assim como o supracitado autor, entendemos que as práticas da agroecologia nos remetem “à época dos saberes próprios”, pois possibilita a integração entre teoria e prática sobre o cultivo, além de possibilitar o estreitamento dos vínculos com a natureza, com as pessoas/comunidade e com a comida e promover a recuperação de saberes tradicionais e, nesse sentido, configura-se como um mote que apresenta um grande potencial para motivar práticas educativas integradoras.

Ao buscarmos nos aproximarmos do “estado da arte” desta temática nas escolas, identificamos experiências profícuas como a de Santos (2024) que apresenta uma ação de extensão exitosa com quintais produtivos em periferias urbanas em que se deu a implantação de hortas urbanas agroecológicas; encontramos também o trabalho de Coelho e Bógus (2016) que tratam da questão de hortas escolares enquanto uma estratégia pedagógica que abrange muitas possibilidades, inclusive pelo contato e cuidado com a natureza e com os alimentos; e ainda o trabalho de Matos (2022) que relata a experiência da implantação de hortas escolares e enfatiza o quanto essa prática permite, de forma integrada, o entendimento da sustentabilidade e estimula a sua reprodução por toda a comunidade escolar.

Retomando as proposições de Leff (2002), entendemos que experiências pedagógicas com hortas urbanas, conforme apresentam Santos (2024), Matos (2022) e Coelho e Bógus (2016), podem contribuir para a “... reconstrução do ser que finda sobre novas bases o sentido da produção e abre as vias a um futuro sustentável.” (LEFF, 2002 p. 36), possibilitando a melhoria da qualidade de vida dos envolvidos e contribuindo para a promoção dos ODS estabelecidas pela Assembleia Geral das Nações Unidas. Sendo assim, depreendemos que a proposição de implementação de projetos de hortas urbanas, em uma perspectiva dialógica e emancipatória da educação, perpassando pelo contato e pelo cuidado com a natureza e com os alimentos, alinha-se com o “novo modelo de EPT” proposto para os IFs forjarem.

METODOLOGIA

A presente pesquisa consistiu em um estudo de caso para delinear o vínculo da comunidade local de um dos campus do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) com a natureza considerando os seus hábitos alimentares e seus saberes ambientais em torno da produção primária. Realizamos o que Robert Yin apud Alves-Mazzotti (2006) vai classificar como um estudo de caso de tipo exploratório, ou seja, o tipo de estudo de caso que busca aprofundar a compreensão de um fenômeno levando à identificação de categorias de observação.

Nosso estudo consistiu em um levantamento do tipo "survey" com a aplicação de questionário com 14 questões, sendo 11 delas fechadas e 3 abertas, sendo que o mesmo foi formatado por meio da ferramenta "Google Forms" e veiculado por meio de aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas para smartphones e também por lista de e-mails institucionais. Cumpre-se destacar que essa pesquisa se valeu da abordagem quantitativa já que o levantamento de dados realizado foi numérico e, nesse sentido, a análise está balizada por técnicas de estatística e expressa por meio de gráficos e tabelas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

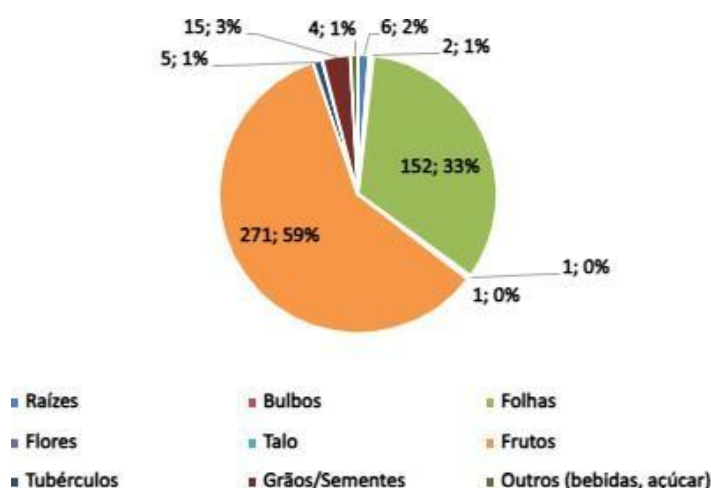
A pesquisa contou com 321 respostas válidas, correspondendo a 30,14% da comunidade investigada, percentual superior ao mínimo recomendado estatisticamente, garantindo confiabilidade aos resultados. A maior parte dos participantes é composta por estudantes do ensino técnico, predominantemente do gênero masculino, com prevalência de famílias pertencentes às classes baixa e média.

Embora 59,5% dos respondentes já tenham cultivado algum alimento, apenas 10% declararam possuir conhecimento ou prática em agroecologia, evidenciando um distanciamento dos saberes ambientais e das práticas tradicionais de manejo da terra, conforme discutido por Santos (2024). Além disso, verificou-se baixa frequência no consumo de alimentos in natura (54%) e falta de clareza sobre a origem orgânica dos alimentos (62%), o que reforça as mudanças nos hábitos alimentares associadas aos modos de vida contemporâneos, tal como apontado por Contreras e Gracia (2011).

Quanto à participação em um projeto de horta no campus, 26% afirmaram que participariam e 52% responderam "talvez", demonstrando predisposição positiva da comunidade para ações coletivas de agroecologia. Esses resultados indicam potencial para implementação de uma horta urbana agroecológica como espaço educativo, de promoção de saúde e de fortalecimento da sustentabilidade ambiental.

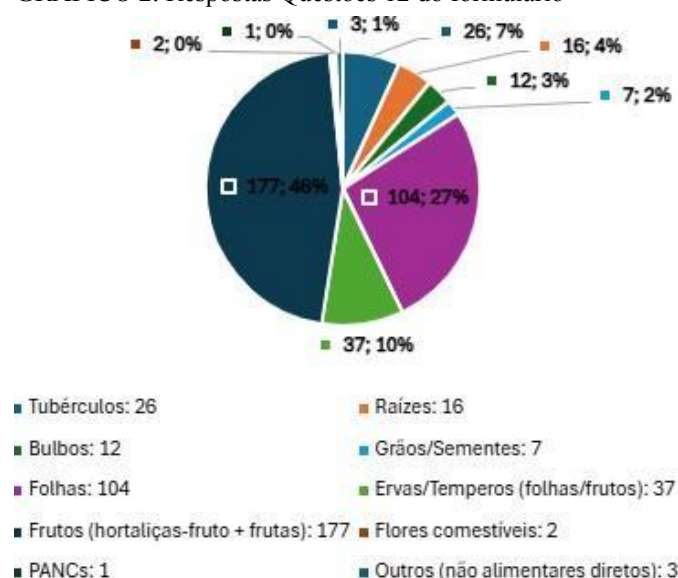
O questionário que aplicamos contava com 3 questões abertas, a primeira delas era a questão número 10 (dez) do formulário que dizia "Caso respondeu sim na pergunta 9 (nove), o que cultivou?", sendo que a pergunta anterior consistia em verificar se o entrevistado já havia cultivado algum alimento para consumo próprio ou de seus familiares. É válido ressaltar que 191 respondentes (59,5%) afirmaram que já realizaram o cultivo de algum alimento, enquanto 130 (40,5%) responderam negativamente. Como é possível analisar no Gráfico 1, entre os itens citados como cultivados pelos entrevistados, destacaram-se os frutos (271 registros – 58%), em seguida vieram folhas (152 – 32,5%) e grãos/sementes (15 – 3%). As demais partes comestíveis, como raízes, tubérculos, bulbos, flores e talos, apareceram em quantidades menores.

GRÁFICO 1. Respostas Questões 10 do formulário



A próxima questão aberta do formulário de questões que aplicamos era a 12 (doze), esta também complementava uma questão anterior, a questão 11 (onze) que questionava se houvesse um projeto de cultivar uma horta, se o entrevistado gostaria de participar. A questão 12 consistia no seguinte questionamento: “Caso respondeu sim ou talvez na questão 11, o que você gostaria de cultivar?”. Como é possível verificar no Gráfico 2, a maioria dos entrevistados demonstrou interesse em cultivar frutos (177 – 46%) e folhas (104 – 27%). Ervas e temperos tiveram 37 menções (10%); já Tubérculos (26 – 7%), raízes (16 – 4%), bulbos (12 – 3%) e grãos (7 – 2%) tiveram menor procura. Algumas pessoas citaram flores comestíveis, plantas ornamentais, medicinais e apenas uma pessoa mencionou PANC (Planta Alimentícia Não Convencional).

GRÁFICO 2. Respostas Questões 12 do formulário



Por fim, a última questão aberta era a 13 (treze) onde se apresentava o seguinte questionamento: “Você conhece alguém que tem conhecimento de agricultura e que aceitaria ajudar o Projeto da Horta?”, onde a maioria das pessoas que participaram da pesquisa (263 pessoas, aproximadamente 82%) responderam que não conhecem alguém com conhecimento agrícola para apoiar o projeto. Porém, alguns participantes (58 pessoas, aproximadamente 18%) citaram possíveis colaboradores, principalmente um dos professores do campus, além de funcionários, familiares e produtores locais.

CONCLUSÕES

O presente trabalho teve como objetivo analisar o vínculo da comunidade de um dos campus do IFSP com a natureza, observando seus hábitos alimentares, saberes ambientais relacionados à produção primária e a disposição em participar da implementação de hortas urbanas agroecológicas. Para isso, foi realizada uma pesquisa do tipo *survey*, que permitiu levantar percepções e atitudes de diferentes segmentos da comunidade escolar.

Os resultados indicam que o objetivo inicial foi plenamente alcançado, uma vez que foi possível identificar o fraco vínculo da comunidade investigada e a natureza, identificou-se um distanciamento significativo dos saberes ancestrais relacionados ao manejo da terra e às práticas agroecológicas. Tal constatação reforça a importância de experiências pedagógicas mediadas pela horta, que, conforme discutem Coelho e Bógus (2016), podem ampliar a reflexão sobre a relação com a alimentação, promover qualidade de vida e fortalecer a compreensão da sustentabilidade ambiental.

A pesquisa também revelou uma predisposição positiva da comunidade para se envolver em iniciativas de hortas agroecológicas no campus, o que facilita a viabilidade prática do projeto de implantação

de uma horta escolar identificando que parte da comunidade apresenta alguma experiência no cultivo de alimentos além de ter realizado um levantamento dos itens com maior expectativa a serem cultivados por essa comunidade, bem como já identificou possíveis parceiros que podem vir a apoiar o projeto. Entretanto, uma possível dificuldade futura refere-se à necessidade de planejamento coletivo para manutenção contínua da horta.

Como desdobramentos, sugerem-se estudos que integrem ações interdisciplinares na horta e análises comparativas com experiências semelhantes em outros campi ou escolas, além de etapas futuras que envolvam a implementação piloto e avaliação dos impactos no cotidiano alimentar da comunidade.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento da pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A. J. Usos e abusos dos estudos de caso. *Cadernos de Pesquisa*, v. 36, n. 129, p. 637-651, set./dez. 2006

BRASIL. Ministério da Educação/SETEC. **Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia um novo modelo em educação profissional e tecnológica** : concepções e diretrizes. Brasília: MEC, 2010.

COELHO, D. E. P.; BÓGUS, C. M. Vivências de plantar e comer: a horta escolar como prática educativa, sob a perspectiva dos educadores. *Saúde Soc. São Paulo*, v.25, n.3, p.761-771, 2016. Disponível em <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/98ZMQzcT497fM4O85BCfDdG/?lang=pt> Acesso em 13 maio 2024.

CONTRERAS, J.; GRACIA, M. Alimentação, sociedade e cultura. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011. 496 p.

IBGE, Segurança alimentar nos domicílios brasileiros volta a crescer em 2023 . Disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/39838-seguranca-alimentar-nos-domicilios-brasileiros-volta-a-crescer-em-2023> Acesso em 28 jul 2025.

LEFF, E. Agroecologia e saber ambiental. *Agroecol. e Desenv. Rur. Sustent.*, Porto Alegre, v.3, n.1, p. 36-51, jan./mar. 2002. Disponível https://www.projetovidanocampo.com.br/agroecologia/agroecologia_e_saber_ambiental.pdf Acesso em 14 maio 2024.

MATOS, R. F. Hortas escolares: como professores e alunos gostariam de inseri-las no processo de ensino-aprendizagem. **kiri-kerê: Pesquisa em Ensino**, n.12, p. 116-133, jul. 2022. Disponível <https://periodicos.ufes.br/kirikere/article/view/34026/25247> Acesso em 13 maio 2024.

ORSI, C. P. **O lugar da politécnica na conformação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP): um panorama a partir dos Projetos Políticos Pedagógicos (PPP) de seus campi**. Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista (UNESP). Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2023. 620 p.

ORSI, C. P.; RIBEIRO, R. Os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia e a Educação Politécnica: uma análise documental. In: REIS, C. F. (Org.) **Politécnica e outros temas: um olhar sobre os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. p. 41-66.

SANTOS, L. B. Quintais produtivos em periferias urbanas: o caso do Projeto Emancipação Social a partir da Soberania Alimentar. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**. v. 15, n. 1, p. 15-28, jan./abr. 2024. Disponível <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RBEU/article/view/13816/9220> Acesso em 13 maio 2024.

SAVIANI, D. O choque teórico da politecnia. Trabalho, **Educação e Saúde**, v.1, n.1, 2003 p. 131-152.